

**Tia Pê (1915-1976): mulher, identidade negra e cultura do carimbó amazônico paraense na cidade de Vigia**

*Tia Pê (1915-1976): mujer, identidad negra y cultura del carimbó amazónico paraense en la ciudad de Vigía*

*Tia Pê (1915-1976): woman, black identity and culture of the paraense amazonian carimbó in the city of Vigía*

**Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro**

**Assunção José Pureza Amaral**

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar e discutir a última das Tias do Carimbó Vigieense, a senhora Francisca Lima do Espírito Santo, mais conhecida como *Tia Pê* (1915-1976), mulher negra, símbolo e identidade da cultura do carimbó amazônico paraense na cidade de Vigia. A metodologia envolve uma revisão bibliográfica, pesquisa documental, análise qualitativa e incursão pela histórica e antiga cidade de Vigia de Nazaré, no Nordeste do Estado do Pará. Dentro os principais autores, destacamos Enrique Dussel (1977), Diegues (1999), Escobar (2005), Vicente Salles (1969), Ramos (2012) e Stuart Hall (2003).

**Palavras Chave:** Carimbó. Mulher negra. Tia Pê. Vigia de Nazaré.

**Resumen:** Este artículo tiene el objetivo de presentar y discutir la última de las Tías do Carimbó Vigieense, la señora Francisca Lima do Espírito Santo, mas conocida como *Tia Pê* (1915-1976), mujer negra, símbolo e identidad de la cultura del carimbó amazónico paraense en la ciudad de Vigia. La metodología envuelve una revisión bibliográfica, investigación documental, análisis cualitativo e incursión a través de la histórica e antigua ciudad de Vigia de Nazaré, en el Noroeste del Estado de Pará. Dentro de los principales autores, destacamos Enrique Dussel (1977), Diegues (1999), Escobar (2005), Vicente Salles (1969), Ramos (2012) y Stuart Hall (2003).

**Palabras Claves:** Carimbó. Mujer negra. Tía Pê. Vigia de Nazaré.

**Abstract:** This article aims to present and discuss the last of the Tias do Carimbó Vigieense, Mrs. Francisca Lima do Espírito Santo, better known as *Tia Pê* (1915-1976), a black woman, symbol and identity of the Amazonian carimbó culture from Pará in the city of Vigia. The methodology involves a literature review, documental research, qualitative analysis and incursion into the historic and ancient city of Vigia de Nazaré, in the Northeast of Pará State. Among the main authors, we highlight Enrique Dussel (1977), Diegues (1999), Escobar (2005), Vicente Salles (1969), Ramos (2012) and Stuart Hall (2003).

**Key-words:** Carimbó. Black woman. Tia Pê. Vigia de Nazaré.

**Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro** – Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, do Campus Universitário de Castanhal - Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Saberes Africanos e Afro-brasileiros na Amazônia, pela UFPA. Licenciado Pleno em História e membro do Grupo de Pesquisa História em Campo da UFPA. E-mail: [paulocordeirovigia@gmail.com](mailto:paulocordeirovigia@gmail.com) - [Orcid: 0000-0003-4596-5191](https://orcid.org/0000-0003-4596-5191).

**Assunção José Pureza Amaral** – Professor das disciplinas Antropologia e Sociologia do Campus Universitário de Castanhal – UFPA. E-mail: [amaral12j@hotmail.com](mailto:amaral12j@hotmail.com) - [Orcid:0000-0003-3956-3700](https://orcid.org/0000-0003-3956-3700).

## INTRODUÇÃO

*O papagaio é um bicho inteligente (bis)*

*Ele fala toda língua*

*Até a língua paraense (Tia Pê)*

O artigo “*Tia Pê (1915-1976) - mulher, identidade negra e cultura do carimbó amazônico paraense na cidade de Vigia*” é um exercício reflexivo que objetiva apresentar e discutir a última das Tias do Carimbó Vigieense, a senhora Francisca Lima do Espírito Santo, mais conhecida como Tia Pê (1915-1976), mulher negra, símbolo e identidade da cultura do carimbó amazônico paraense.

E quem eram essas tias?

As Tias eram senhoras, na sua maioria negras, que faziam composições, dançavam, cantavam, possuíam grupos, terreiros<sup>1</sup>, promoviam festividades religiosas com levantação e derrubação de mastros. O uso do termo “Tia”, de acordo com a memória social<sup>2</sup>, era porque havia o respeito com as pessoas mais “velhas” e, geralmente, essas Tias eram senhoras idosas e, com isso, as pessoas chamavam assim.

Porém, Cordeiro (2020) ressalta que a expressão merece destaque não apenas pela forma de respeito a essas senhoras, mas por imprimir um sentido mais profundo. Pois diz respeito ao mundo do trabalho das mulheres negras. “Tia” é equivalente ao mestre no mundo do trabalho masculino. Em diversos depoimentos, alguns de homens, ao relatarem sobre essas mulheres, as identificam como afrodescendentes que experimentavam e transitavam pelos mundos do trabalho, do lazer, das relações de gênero e religiosidade, com significativa presença das culturas e das tradições africanas na Amazônia.

A metodologia deste trabalho envolveu revisão bibliográfica, pesquisa documental, análise qualitativa, incursão pela histórica e antiga cidade de Vigia de Nazaré, no Nordeste do Estado do Pará. Além de documentos históricos, o texto está entremado de iconografias antigas e atuais. Não é intensão desse trabalho proceder nem repetir as diversas biografias existentes pelo Brasil à fora, das quais repetem o senso comum, descrevem a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, um deslocamento linear. Nessa perspectiva, Le Goff (1990) afirma que muitas dessas biografias são uma volta pura e simples à biografia tradicional, anedótica, puramente cronológica, que se sacrifica a uma psicologia ultrapassada, incapaz de mostrar a significação histórica geral de uma vida individual. Portanto, buscamos, nesse trabalho, realizar uma espécie de etnobiografia (AMARAL, 1994) a partir de Tia Pê, de sua vida e de seu o engajamento na cultura do carimbó ocultadas pelos sistemas hegemônicos.

Dessa forma, como nos informa Pierre Bourdieu (1996), o que não tem coerência na nossa vida, não tem significado ao longo da vida, passa a ter uma certa coerência para o investigador, por-

<sup>1</sup>Terreiros, aqui, eram os espaços de festas que as Tias organizavam com a presença do carimbó; construído em madeira e coberto com palhas, piso de barro batido e iluminados com lamparinas; geralmente, localizam-se distante do centro da cidade e ao lado ou no quintal das residências de alguma das Tias.

<sup>2</sup>Mulheres e homens de mais de 60 anos de idade que conheceram ou ouviram falar das Tias que praticavam o carimbó na cidade de Vigia, Estado do Pará. Sobre a memória social ou mesmo memória coletiva, ver HALBWACHS, Maurice (1990, pp.81. 82), para esse autor, “A memória coletiva se distingue da histórica pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que as mantém”.

que o investigado tem uma memória seletiva. Com isso, é o investigador que passa a fazer uma coerência de sua vida, escrevendo a história a qual está interessado. O enredo de uma vida não é uma trajetória retilínea em direção a um fim determinado que já se manifestava desde os momentos mais remotos da infância do personagem. O elemento constituinte desta narrativa biográfica é o nome próprio, pois “é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade das suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais” (BOURDIEU, 1996, p. 187).

A história nos mostra que mulheres negras nas Américas, na Amazônia, no Nordeste Paraense e, particularmente, na Cidade de Vigia, foram inviabilizadas pela epistemologia dominante. Ser mulher, negra, de periferia, portadora de culturas africanizadas, em territórios e em uma cidade amazônica no século passado, representava, ao mesmo tempo, somatórias de múltiplas identidades, resistência e construção de formas de viver e sobreviver, mesmo diante de toda “herança da escravidão”, ao entrarem em embates políticos através dos atores sociais. É isso que a cultura do carimbó e a personalidade Tia Pê nos permite perceber e visualizar.

Nesta incursão, tomamos como referência as ideias do filósofo Enrique Dussel (1977), que critica a perspectiva de colonialismo e eurocentrismo na produção de epistemologias e nos aponta a necessidade da descolonização filosófica, por uma Filosofia da Libertação; para ele, colonialidade e eurocentrismo são responsáveis por transformar os conhecimentos e experiências dos colonizados em subalternidade, para serem dominados por um poder imperial do Norte, do Centro para a Periferia. Dentro dessa abordagem, apoiamo-nos também em autores como Diegues (1999), Escobar (2005), Ramos (2012), e Stuart Hall (2003).

Este artigo está dividido em Introdução; Passeando e Apresentado a cidade de Vigia e a Tia Pê; A vida e obra de Tia Pê; e Considerações Finais.

## 1. Passeando e Apresentado a Cidade de Vigia<sup>3</sup> e a Tia<sup>4</sup> Pê

*Tanta laranja madura  
Tanto limão pelo ar  
Tanto sangue derramado  
No coração de Iaá-Iaá  
Adeus, adeus, adeus (bis)  
Adeus amor passe bem  
Vamos pra terra do paco  
Paco não mata ninguém (Tia Pê)*

<sup>3</sup>Atualmente a cidade de Vigia é responsável por grande parte da produção de peixe comercializado no Estado do Pará, sua principal atividade econômica. Segundo o recenseamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população do município de Vigia foi estimada em 53.191 habitantes. Possui uma história marcante pela cultura do carimbó, que vem desde o século XIX, pois sabemos que o carimbó é fruto da experiência de africanos/as no Pará, no contexto da diáspora e da escravidão. A experiência cultural negra na cidade de Vigia tem toda uma teia de significados construída bem antes do período da escravidão (a questão da *zimba*) até à história recente. Atualmente, década de 20 do século XXI, há quatro grupos de carimbó nesta cidade do Pará.

<sup>4</sup>As mulheres negras, que ficaram conhecidas por Tias do carimbó, foram as guardiãs na divulgação e valorização dessa cultura em terras vigienses.

Vigiense é o termo usado para quem nasce no município de Vigia, na região nordeste do Estado do Pará, na Amazônia brasileira. No século passado, as mulheres desse município que praticavam e fomentavam a cultura do carimbó eram chamadas de Tias. Durante o século XX, existiam diversas mulheres que praticavam a cultura do carimbó que também realizavam diversos tipos de atividades nas ruas e nas casas, trabalhos que as negras escravizadas faziam no período da escravidão naquele município e na região. Este trabalho trata da última dessas Tias, a de nome Francisca Lima do Espírito Santo, mais conhecida na região como a Tia Pê.

Entre diversos tipos de trabalhos aos quais as mulheres negras eram submetidas no Brasil Imperial, Colonial e que se estende pela República, ao pesquisar a relação entre patroas e empregadas domésticas, Suely Kofes (2001, p.134) se reporta à continuidade na representação e na imagem da mulher negra e de suas atividades durante a escravidão que persistiram nos tempos pós-abolição, apenas ganhando o caráter de trabalho assalariado. Para esta, “a recorrência de atividades manuais executadas pelas mulheres negras retrata o passado escravista, que, mesmo depois da abolição da escravatura, associa trabalho doméstico à escravidão” (KOFES, 2001, p.134). Fato este referente à colonialidade presente nas antigas colônias que hoje se consideram Repúblicas, mas que mantém modos de ser, de pensar e de agir ligados a colonialidades, por isso necessitando de decolonialidades.

O discurso acima **negrita** que os mundos privado e familiar eram lugares preferenciais das mulheres e se direcionavam para aquelas que pertenciam às classes favorecidas e que deveriam ratificar, mediante atitudes e posturas, o padrão discursivo que diz respeito ao papel social da mulher almejado e requerido na sociedade brasileira dos séculos XIX e XX.

No século XX, a mulher negra também na cidade de Vigia enfrentou uma sociedade patriarcal, machista, racista e preconceituosa, que absorveu o conceito da sociedade escravocrata, em que não era permitido determinado tipo de trabalho à mulher branca. Coube à mulher negra desenvolver tais profissões – na roça (lavoura), tirar caranguejo e turu, lavadeira, engomadeira, cozinheiras, serviços domésticos, vendedora de doces em tabuleiro, de mingau, de açai, etc –, porém, não valorizadas como profissão, deixando-a na invisibilidade (CORDEIRO & AMARAL, 2013; CORDEIRO & AMARAL, 2021).

Das mulheres negras, enfatizamos Tia Pê como protagonista da cultura do carimbó a partir de uma das mais antigas cidades do Pará, localizada na mesorregião do Nordeste paraense, a 93 km de Belém.

Muitas Tias, antes da Tia Pê, também foram importantes na preservação da cultura do carimbó naquele município. Essas Tias tinham papéis fundamentais na manutenção do trabalho e na tradição africana no Brasil e na Amazônia.

Buscando nos registros e documentos históricos, o termo “Tia”, fazendo relação ao carimbó, aparece em 1925, no jornal *Gazeta da Vigiã*<sup>5</sup>.

Em algumas biografias de negros/as no Brasil, aparecem em outras cidades, como no Rio de Janeiro, a presença das Tias, muitas de origens baianas, como lemos na Biografia *Madame Satã: com o Diabo no corpo*, de Rogério Durst (1985). Sobre etno-biografia de Mestre de Carimbó, temos o trabalho “*Chama Verequete*”: *Etnografia da trajetória e das vicissitudes de um compositor negro paraense*, de Assunção Amaral (1994), primeiro trabalho realizado no Estado do Pará, na Amazônia, sobre o tema. Ambos revelam também as condições sociais e raciais em que os cidadãos de origem africana

<sup>5</sup>Jornal *Gazeta da Vigiã*, de 08 de fevereiro de 1925. Ano I, n. XIII, p. 02. Encontra-se no Arquivo da Sociedade “Cinco de Agosto”, na cidade de Vigia/PA.

foram e são submetidos no Brasil no pós-abolição, condições de sub-cidadania, de segunda classe, e encontrando-se nos piores lugares sociais.

O termo Pê era apelido de infância de Francisca Lima do Espírito Santo que, segundo Aldo Brito dos Santos, se deu por conta do fato de que, como ela não sabia ler, quando lhe perguntavam o que estava escrito, ela respondia: Pê<sup>6</sup>. Em decorrência do racismo, mulheres negras, como Tia Pê, não eram vistas pela elite branca como parte da “família tradicional” vigiense. No centro da cidade, principalmente nas sedes sociais em que a elite branca organizava as festas, não tocavam nem dançavam o carimbó, por ser considerada cultura do povo, de negro, e carregado de sensualidade. E isso permaneceu até 1970.

## 2. A Vida e Obra de Tia Pê

*A dança do carimbó*

*É bonita pode crer*

*Me lembro do Amparo*

*Do carimbó da Tia Pê*

*Ela já morreu...*

*Ela está no reino da glória*

*Era a Tia Pê e Tia Nacleta*

*E mestre Jaime na viola (Silva, 2009)*

Francisca Lima do Espírito Santo, mulher negra, vigiense, nasceu em 1915. Era conhecida por Tia Pê e foi a última das “Tias” do carimbó da Vigia. Conforme informa seu filho, João Calandrino, ela era filha de Manoel Juvenal Lima e Maria Odocia Lima. Tia Pê destacava-se das outras Tias do carimbó pela versatilidade, pois batia o tambor, cantava e fazia a marcação no xeque-xeque, só não tocava instrumentos de corda e sopro. Era também compositora.

Nascida e criada em Vigia, onde viveu sua infância e juventude, casou-se com Teodomiro Espírito Santo. Tinha seu próprio grupo de carimbó na cidade. Seu filho, João Calandrino, relata que o carimbó de sua mãe chegou a se apresentar em cidades como Salinas, Castanhal, Marapanim e Terra Alta (cidades do Estado do Pará). E ele era dançarino deste grupo, e comenta que: “quando ela não estava se divertindo no carimbó, trabalhava com a venda de doces”.

No dia 06 de novembro de 1971, o conjunto de carimbó da Tia Pê esteve presente na festa da sede social do Uruitá Esporte Clube, na cidade da Vigia. Essa festa foi patrocinada por Ivo Silva, que realizava o programa matinal na Rádio Marajoara (Belém) “Ivo Silva – O Gato”. Com ele, vieram também Assis Filho, advogado, radialista e poeta, e José Ramalho, assistente de produção da mesma Rádio. Esta festa teve o apoio do vigiense Marco Aurélio Belém, presidente do Uruitá e prefeito Municipal de Vigia, na época. A atração principal ficou por conta do conjunto de carimbó da Tia Pê, com três mulheres e quatro homens. Ela foi presenteada com um fogão a gás de duas bocas, um disco e 60,00 cruzeiros. Os demais integrantes receberam, cada um, CR\$ 10,00 cruzeiros<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Depoimento de Aldo Brito dos Santos, de 51 anos. Entrevista realizada em sua residência no bairro centro da cidade de Vigia, em outubro de 2020. De acordo com o entrevistado, sobre o apelido de infância, foi repassada a ele depois de uma entrevista como a sobrinha da Tia Pê, dona Catarina (já falecida).

<sup>7</sup> Sobre a participação do grupo de Tia Pê nessa festa, ver: **Revista Espaço, novembro de 1971. Ano 1, n.2, p. 21. E também CORDEIRO, Paulo. Carimbó da Vigia. Cidade de Vigia/PA, Edição do Autor, 2010. pp. 88-89.**

Tia Pê também era vendedora de doces em tabuleiro, assim como a maioria das Tias. Os doces em tabuleiros, postos à venda durante as festividades religiosas promovidas pelas Tias e também no arraial durante o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, tinham formato de animais da fauna e da flora da região (CORDEIRO, 2018).

De acordo com Cordeiro (2014), a Tia Pê não fabricava os doces, recebia-os da pequena fábrica da senhora Raimunda Miranda Cardoso, que trabalhava com sua filha Ruth Cardoso e a irmã daquela, Augusta Miranda. O empreendimento cresceu e foram contratadas várias outras vendedoras de doces, uma das mais conhecidas era a Tia Pê. As vendedoras ganhavam uma porcentagem pela venda. No período das festividades do Círio de N. S. de Nazaré, na região, Tia Pê se encontrava no arraial, vendendo seus doces; também vendia no arraial da festividade de São Sebastião, no bairro do Arapiranga, na cidade de Vigia. Ela passou a morar, em 1955, em uma área que, com o crescimento da cidade, acabou se transformando no bairro do Amparo. Sua casa era, como descreveu o folclorista Vicente Salles (1969, p. 264),

[...] de barro socado, coberta de telhas, consta de um salão, medindo aproximadamente 20 metros quadrados e 3 metros de pé direito. É assoalhado. Nesse salão realizam-se os bailes e, todos os domingos, o carimbó. [...] Ao lado da casa há uma rústica construção, denominada “tenda”, que serve para vender bebidas e comidas regionais, o mais é o terreno, em torno da casa, bastante amplo, arborizado com árvores frutíferas e plantas que, supomos, têm algum valor medicinal.

Além do carimbó, Tia Pê realizava a festa da S. N. da Imaculada Conceição no mês de dezembro, e a festa do Divino Espírito Santo, no mês de maio. Segundo Benedito Nazaré Cardoso, de 70 anos, afilhado de fogueira de Tia Pê, e um dos tocadores do Grupo de Tia Pê,

as festividades de Nossa Senhora da Conceição e do Divino Espírito Santo realizadas por ela, não tinha muito despesa, visto que o mastro era retirado do mato e depois enfeitado com algumas plantas e muitas frutas. Mas, determinados homens da área da pesca faziam muitas despesas comprando bebidas e comidas durante as festividades. (Entrevista realizada no dia 12.04.2022, na sua residência, em Vigia-Pa).

Essas atividades, que envolvem aspectos religiosos e profanos, eram espaços de múltiplos saberes/conhecimentos, como nos informa Sônia André (2021, p. 1): “espaço de (re) existência é um desafio em meio a olhares colonizadores pelo ocidente e por nós próprio”. Ou seja, espaços visto de forma preconceituosa por parte da elite vigiense e, com isso, tornando-se invisibilizados à concepção eurocêntrica hegemônica da sociedade, que se organiza em torno do pensamento epistemológico de modernização e civilização que ignora a produção de manifestações culturais das/os negras/os.

Antes de Tia Pê, Manoel Elesbão de Barros, um descendente de português, era quem realizava a festividade da N. S. da Conceição, no início do século XX, em Igarapé Grande (à margem da rodovia PA-140). A festa acontecia em oito dias; pela parte da noite, era realizado o jazz<sup>8</sup>, e, pela parte do dia, o carimbó.

<sup>8</sup> Músicos das bandas musicais da cidade de Vigia, 31 de Agosto (fundada em 31 de Agosto de 1876) ou União Vigiense (fundada em 13 de maio de 1916), tocavam as músicas em voga no Brasil, bolero, fox trot, samba, marchinhas de carnaval, entre outros ritmos musicais. Geralmente uma banda de Jazz era composto por um sax, trombone, clarinete, tarol, bumbo, prato e triângulo. Não havia cantor nesses grupos.

Para Álvaro Barros, filho de Manoel Elesbão de Barros, só entravam pessoas convidadas na festa, muitas chegavam a ser barradas<sup>9</sup>. Lembra que, quando jovem, os convidados tinham direito ao café da manhã, almoço e jantar. Antes da festividade, eram entregues as “cartas” para várias pessoas que tinham melhor condição financeira na cidade de Vigia (comerciantes, donos de canoas etc.), a fim de ajudá-lo na festividade. O peixe era abundante; além de possuir muitas criações como, por exemplo, galinhas, patos, perus, porco etc, todas criação do português<sup>10</sup>. A festividade era de cunho religioso, mas não estava vinculada à programação da Igreja Católica e parte da elite local contribuía. Nesse período, o espaço era privado da massa popular e somente entravam convidados; totalmente diferente da época em que Tia Pê passou a realizá-la, em que a população em geral participava, sem convite<sup>11</sup>.

Vinham várias pessoas, antes da festividade, para ajudar na preparação do terreiro (em frente à casa do português Manoel Elesbão de Barros), fazer a limpeza, enfeitá-lo com bandeirinhas e construir pequenas barracas para a venda de comidas típicas. As Tias do carimbó estavam presentes, com seus tabuleiros de doces para vendê-los, além de preparadas para dançar e cantar o carimbó. Entre elas: Jovita, Anacleta, Chiquinha, Dulcinéia e muitas outras. Quem organizava o carimbó era o grupo “O Canário da Campina”, fundado por Juvenal Bernadino Monteiro Barros, junto com seus familiares e amigos<sup>12</sup>. Quem soubesse bater e tocar o carimbó, entrava também na roda. A iluminação ficava por conta das lamparinas e das candeias (louça de barro, com pavio de algodão e o combustível: óleo de peixe), que, conforme Álvaro Barros, “ficavam penduradas nas barracas e em outras partes do terreiro”<sup>13</sup>.

De acordo com a contemporânea da Tia Pê, a senhora Maria Teodora de Sousa, que participava, esta assegura que a festividade “era só para os convidados, começava no sábado à tarde, com a levantação do mastro e muito carimbó e terminava no fim da tarde de domingo”. A senhora Maria Teodora de Sousa era filha da Tia Anacleta de Sousa e convivia com Tia Pê, viviam praticamente juntas. Anacleta de Sousa era madrinha de batismo de Tia Pê e moravam no mesmo bairro: Amparo. Havia uma convivência familiar entre ambas. Anacleta de Sousa era vizinha e amiga da mãe de Tia Pê e tornaram-se comadres. Após a morte dos pais de Tia Pê, Anacleta de Sousa e suas quatro filhas passaram a ser sua segunda família. Tia Pê, quando não estava realizando as festividades, vivia da roça e das vendas dos doces<sup>14</sup>.

Manoel Elesbão Barros dava o café da manhã e almoço, ali eram servidos peixes, porco, pato e galinha. Álvaro Barros acrescenta ainda: “meu irmão mais velho trazia de Belém uns pacotes de k-suco, que dissolviam em água e eram colocados nas garrafas. Os homens bebiam cachaça com limão e batida com coco”<sup>15</sup>. De acordo com a senhora Maria Teodora, o carimbó era cantado pela

<sup>9</sup>Depoimento de Álvaro Barros, de 75 anos. Ele é filho do português Manoel Elesbão de Barros. Entrevista realizada em agosto de 2009, em sua residência, na localidade do Igarapé Grande (à margem da rodovia PA-140). Nesse local, era realizada a festividade em que seu pai era devoto, local sem energia elétrica e iluminado com lamparina; ali, a imagem da Nossa Senhora da Conceição permanece em posse de Álvaro Barros, segundo ele, essa imagem veio de Portugal para o pai dele.

<sup>10</sup> Idem

<sup>11</sup> Idem

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> Depoimento da senhora Maria Teodora de Sousa, de 100 anos. Entrevista realizada em setembro de 2013, em sua residência no bairro de Arapiranga, na cidade de Vigia.

<sup>15</sup> Depoimento de Álvaro Barros, Op, cit

“minha mãe, Tia Joana Capim, Tia Tereza, Tia Cotta, Tia Pê, Tia Lina, Juvenal, Maurício (irmão da Tia Anacleta) e outros”. No terreiro, todas as Tias dançavam a “Dança da Onça” e, naquela época, eram utilizados quatro tambores (curimbós) durante a festividade<sup>16</sup>. Aqui aparecem, além da Tia Pê, outras tias presentes na localidade.

Bivar Evaristo Palheta, vigiense que morava no bairro Centro, afirma que sempre frequentava a festividade da Imaculada Conceição, realizada por Manoel Elesbão de Barros. Nessa época, tinha 17 anos (1948). Lembra que nos dias de festa: “Eram 08 dias de festividade, e o carimbó ‘rolava solto’. Cordeiro, Sinuca Freitas, Lauro Sancler e outros, não perdíamos um carimbó. Nessa festividade, Seu Elesbão dava de tudo: café, almoço e jantar. Sua casa era grande e avarandada, onde armávamos as redes para dormir”<sup>17</sup>. Ainda conforme Bivar Evaristo Palheta, “a bebida nós fazíamos uma que se chamava ‘leite de onça’, era uma mistura de cachaça, ovo, leite, licor de jenipapo e açúcar”. A distância “era cerca de três quilômetros, nós íamos a pé do centro da cidade até lá. Nessa época era tudo escuro e não tinha ninguém para mexer com nós. Lá só entrava se fosse convidado”<sup>18</sup>.

A festividade acabou devido ao falecimento do amigo de Manoel Elesbão de Barros, conhecido por Leandro. Esse morador era da mesma localidade e quem cantava a ladainha, em latim, junto com Mico, “Barriga Baixa” e Elesbão. A irmã do Manoel Elesbão, Maria Ernestina Barros, passou a realizar a mesma festividade em sua propriedade, que ficava próxima à de seu irmão, mas não durou três anos<sup>19</sup>. E aí que entra a Tia Pê.

Francisca do Espírito Santo (Tia Pê), já casada, teve um filho com Teodomiro Espírito Santo e começou a realizar a mesma festividade, já que seu Tio Manoel Elesbão Barros deixou de organizar. Porém, a imagem da Imaculada Conceição não era a mesma. Tia Pê comprou outra Imagem na capital. Além dessa festividade, ela começou também a organizar a festividade do Divino Espírito Santo, no mês de dezembro, em 1958. Esta festividade era realizada pela família Barbosa, no centro da cidade da Vigia, desde a época de seu patriarca, e chegou a ser proibida pelo cônego Faustino de Brito, na década de 1950<sup>20</sup>.

Foi então que Tia Pê começou a organizar essa festividade. Porém, não tinha a coroa do Divino Espírito Santo: uma bandeira branca em que era desenhado o símbolo do Divino. Essa bandeira vinha pendurada na ponta do mastro. Geralmente, o mastro era marcante tanto no mês de maio como no mês de dezembro. O mastro vinha do centro da cidade de Vigia e também do bairro do Arapiranga, percorria até o terreiro da Tia Pê, e este ficava erguido bem ao lado de sua casa. Eram oito dias de festividade, com muito carimbó. Tia Pê deixou de realizar a festividade do Divino Espírito Santo em 1967 e, em 1968, a festividade da Imaculada Conceição<sup>21</sup>. Tia Pê, além de organizar a festa, dançava e cantava o carimbó, às vezes batia também o tambor. Com isso, resolveu fundar, em 1962, o conjunto de carimbó Tia Pê. Este se apresentou em várias cidades e na Capital. No I Festival de Carimbó de Vigia, realizado em 1974, o conjunto ficou em 3º lugar; “Alegria dos Vigienses”, em 2º; e “Os Tapaioaras”, em 1º. Cordeiro (2010, p. 133) menciona que Tia Pê recebeu

<sup>16</sup> Depoimento da senhora Maria Teodora de Sousa, Op, cit

<sup>17</sup> Depoimento do senhor Bivar Evaristo Palheta, de 77 anos; Entrevista realizada em sua residência em junho de 2009, no centro da cidade de Vigia.

<sup>18</sup> Idem

<sup>19</sup> Idem

<sup>20</sup> Depoimento de João Calandrino Op, cit

<sup>21</sup> Idem

como prêmio um troféu e uma homenagem especial: um troféu da Sociedade “Cinco de Agosto” e um Certificado de “Preservadora Cultural” da Universidade Federal do Pará (UFPA).

O grande cientista social paraense, Vicente Salles (1969, p. 263), em suas andanças pelo interior e depois de ter estado na casa de Tia Pê, em 1968, assim a descreve: “Tia Pê nasceu e se criou na Vigia. Mora nos limites suburbanos da cidade, à margem da estrada, quase no meio rural. É festeira consumada e centraliza em torno de sua modesta casa, os principais folguedos da região – carimbó e outras danças, folias religiosas e promesseiras”.

Para Raimundo Siqueira de Lima, Tia Pê era da roça, doceira “famosa” e querida por todos que a conheciam. Em sua propriedade, à margem da estrada (PA – 140), promovia festanças de mastros, “o pau de santo”, ladainhas, quadra junina e outros eventos, sempre abrindo e fechando cada evento com a dança do carimbó. O grupo de carimbó da Tia Pê era formado por músicos de flauta e pau e corda; alguns, seus parentes, outros, apenas amigos. Ela compunha suas músicas e letras para o seu conjunto, numa linguagem cabocla, pura e alegre, pureza e alegria que lhe eram peculiares; suas toadas de carimbó eram gostosas de ouvir<sup>22</sup>.

Como podemos perceber, nesses fragmentos recompostos que permitiram apresentar um certo testemunho da passagem daquela que quase passa por anônima, Tia Pê teve suas identidades marcadas como mulher, negra, do interior de Vigia, relacionadas ao trabalho, às atividades culturais e religiosas, às festividades, à agricultura, à venda de doces e, sobretudo, à manutenção do carimbó – grupo, dança, tocadora, cantora, compositora de letras de música.

As iconografias abaixo são outros meios de memorarmos a identidade dessa mulher negra paraense, pouco conhecida fora do circuito local.

#### **Imagem I** - Tia Pê recebendo o título de Preservadora Cultural do carimbó da cidade de Vigia.



Acervo: Arquivo Museu Municipal da Vigia.

Vicente Salles (1969, p. 265) descreve os momentos antes de começar sua pesquisa, e menciona os dois rapazes que bateram o carimbó naquele dia:

Tia Pê, cabocla legítima, cantadeira de carimbó desde que se conheceu, grande informante, em cuja casa se dança e se brinca e se come e se bebe com todo respeito (só quis ser informante depois de tomar banho, vestir seu vestido limpo, passado, perfumado à maneira bem paraense); Benedito e Gerebeca, rapazes de 16 e 18 anos respectivamente e já trabalhadores “do pesado” (lavoura,

<sup>22</sup>Depoimento do senhor Raimundo Siqueira de Lima, de 64 anos. Entrevista realizada em 2009, em sua residência no bairro da Siqueira, na cidade de Vigia, em setembro de 2009.

pesca e eventualmente pedreiros ou melhor ajudantes de “fazer casas”), habilíssimos batedores de carimbó.

Nesse outro pequeno excerto do clássico Vicente Sales, ainda podemos identificar:

- . Tia Pê como, “cabocla legítima”, termo muito usado no século passado como eufemismo de negros (pretos e pardos);
- . Tia Pê “cantadeira”, ou cantadora de músicas populares, nesse caso, marcadamente o carimbó paraense;
- . Tia Pê proprietária de casa, barracão, terreiro, e lugar de dança e brincadeira, caracterizado pela comida, pela bebida, pela fartura, pela tradição africana ou afro-brasileira e sua cosmovisão de irmandade e humanidade, diferente da concepção ocidental caracterizado pela lógica competitiva capitalista;
- . Tia Pê “a informante”, que possui ensinamento, experiência, conhecimento, informação, sabedoria, vivência, que carregou consigo todo um patrimônio artístico, corporal, cultura, epistemológico, estético e visual africano, que caracterizam os valores civilizatórios africanos;
- . Tia Pê a mulher negra vaidosa, como muitas outras tias, mães e filhas; caprichosa, asseada, bem vestida, com roupa passada, engomada, para receber as visitas externas;
- . Tia Pê também carregou a tradição de uma mulher paraense cheirosa, que exala o perfume e o cheiro do Pará, tradição secular; “só quis ser informante depois de tomar banho, vestir seu vestido limpo, passado, perfumado à maneira bem paraense”.

## 2. 1. Carimbó da Tia Pê

No terreiro de carimbó da Tia Pê, muitas pessoas que moravam no centro da cidade de Vigia-Pa participavam dessa festança. Bivar Evaristo Palheta era frequentador assíduo do carimbó às quartas e sábados, inclusive, dançava a “Dança da Onça” com ela. Para ele, o carimbó antes da Tia Pê era brincado no terreiro da Tia Anacleto, que ficava no mesmo bairro, porém, além da Tia Pê, haviam as Tias Martinha, Ana Fragata, Preta e Dulcineia<sup>23</sup>. Nas festas organizadas pela Tia Pê, ninguém pagava ingresso, as pessoas iam chegando e dançando, geralmente às 16h, e muitas pessoas vinham andando do centro da cidade de Vigia (distante cerca de 1 km), quando chegavam, o carimbó já estava rolando e ia até o sol raiar<sup>24</sup>.

Em 1953, com 23 anos, Bivar Evaristo Palheta, já casado, frequentava o carimbó da Tia Pê. Ele afirma: “Quando eu e meus amigos chegávamos à casa da Tia Pê o carimbó já estava rolando, e as damas já estavam esperando a gente”<sup>25</sup>. Nesta época, acrescenta Bivar: “eu dançava a ‘dança da onça’ com a Tia Pê, era a onça te pega, não deixa pegar [Risos...], era muito animado e eu gostava muito de dançar o carimbó”. Muitas pessoas gostavam tanto do carimbó que chegavam a andar vários quilômetros de distância para dançar, finaliza Bivar<sup>26</sup>.

As damas que participavam do carimbó de Tia Pê eram moradoras da comunidade e de outros bairros da cidade de Vigia. Maria Margarida Barros Neves, conhecida por “Gaída”, era jovem,

<sup>23</sup> Depoimento do senhor Bivar Evaristo Palheta, Op, cit.

<sup>24</sup> Idem

<sup>25</sup> Idem

<sup>26</sup> Idem

com 15 anos, quando frequentava esse festejo. Tia Pê era sua tia, irmã de seu pai. As moças ficavam esperando para serem convidadas a dançar pelos cavalheiros, então, quando eram chamadas, iam para o meio do salão dançar o carimbó<sup>27</sup>.

O folclorista Pedro Tupinambá, em 1971, também esteve na cidade de Vigia coletando informações sobre o carimbó da Vigia. Na ocasião, conheceu a Tia Pê, “[...] esta figura fabulosa do Carimbó vigiense”. Como o carimbó dela estava parado porque sua residência estava em ruínas, Pedro Tupinambá assistiu ao conjunto da Tia Pê em uma festa na sede do Uruitá,

[...] assistimos Tia Pê – cabocla vigiense de 60 e tantos anos, cujo nome era Francisca Lima do Espírito Santo, cantar e exibir seu conjunto harmonioso na sede do “Uruitá Esporte Clube”, numa bela festa do Carimbó vigiense; vimos e fotografamos Tia Pê tocando xeque-xeque feito de lata de leite “Ninho” e também os componentes de seu grupo: 2 batedores de carimbó, 1 tocador de clarinete, 1 pandeirista, 1 tocador de banjo e algumas cantoras, ou “canteiras”, como são denominadas lá. (*Revista Espaço*, Carimbó, Ano I, Nº 2, 1977, p. 21)

O conjunto de carimbó da Tia Pê às vezes se apresentava com dois tambores (carimbós), como foi o caso acima citado, e, em certas ocasiões, com três, como vimos no decorrer da pesquisa, fato que podemos destacar como característica do carimbó da Vigia (três tambores). Mas devemos ressaltar a criatividade desta senhora para a improvisação do instrumento, feito de lata de leite “Ninho”, onde se colocavam pedras, milho ou até esfera dentro; com isso, tirava-se um som harmonioso para acompanhar o carimbó. As cantoras ou “canteiras” eram sua irmã, a Tia Raimunda, e outras Tias do carimbó que participavam do conjunto.

Entretanto, na época que o esposo da Tia Pê era vivo, conhecido por capitão Mico, este tocava viola. “Zé Fura” e Zé Ataíde, todos brincavam e tocavam no carimbó da Tia Pê. Segundo Adão dos Santos Monteiro, pescador na época, sempre quando estava em terra, participava desse festejo. Tia Pê cantava e sacudia o maracá, junto com suas irmãs. Às vezes, cantava a música de carimbó chamada Dona Luciana:

*Senhora dona Luciana  
Ela chegou lá de Tatuoca  
Foi fazer farinha  
Farinha, farinha de mandioca.  
Dona Luciana  
Olá ô samba  
Põe as cadeiras de banda  
Olhe ô samba  
Põe as cadeiras de banda meu mano (bis)<sup>28</sup>.*

Como compositora, Tia Pê era autodidata, pois era analfabeta, o que dificultou o registro de muitas das letras de sua música. Quando estava sentada, baixava a cabeça na mesa e, com as mãos,

<sup>27</sup> Depoimento de Maria Margarida Barros Neves (conhecida por “Gaida”), de 63 anos. Entrevista realizada em sua residência no bairro do Siqueira, na cidade da Vigia, em setembro de 2009.

<sup>28</sup> Depoimento de Adão dos Santos Monteiro, de 76 anos. Entrevista realizada em sua residência, no bairro centro na cidade de Vigia, em agosto de 2009.

batia na mesma, no ritmo do carimbó: nesse momento, vinha a inspiração para composição de suas músicas – afirma seu filho João Calandrino<sup>29</sup>.

Também esteve pesquisando o carimbó da Tia Pê, na década de 1970, o cantor e compositor paraense Ely Farias. Em seu disco denominado *Carimbó*, o conjunto Ely Farias gravou várias músicas de carimbó e cita três de autoria da Tia Pê, que aparecem na capa do disco. Abaixo, três letras de músicas do disco, de autoria da Tia Pê:

Maçariquinho

Maçariquinho da beira do igarapé (bis)  
Fazendo sereré, sereré, sereré.  
Sereré, sereré, sereré (bis).  
Fazendo sereré na vazante da maré<sup>30</sup>.

Papagaio

O papagaio é um bicho inteligente (bis)  
Ele fala toda língua  
Até a língua paraense  
Papagaio louro, do bico dourado (bis)  
Ele cantava tanto  
Ele cantava tanto  
Até ficar cansado

Laranja Madura

Tanta laranja madura (bis)  
Tanto limão pelo chão  
Tanto sangue derramado  
No coração de João  
Tanta laranja madura  
Tanto limão pelo ar  
Tanto sangue derramado  
No coração de Iaá-Iaá  
Adeus, adeus, adeus. (bis)  
Adeus amor passe bem  
Vamos pra terra do paco  
Paco não mata ninguém.

## 2. 2. Homenagens à Tia Pê

*Tanta laranja madura* (bis)  
*Tanto limão pelo chão*  
*Tanto sangue derramado*  
*No coração de João*

<sup>29</sup> Depoimento de João Calandrino, Op, cit.

<sup>30</sup> As letras foram retiradas do disco de Carimbó do cantor paraense Ely Farias, que foi gravado na década iniciada em 1970.

Depois de dois anos do 1ª Festival de Carimbó, e muita contribuição à cultura do Nordeste Paraense, no dia 10 de junho de 1976, Tia Pê veio a falecer, com 61 anos de idade. Como se observa abaixo, o jornal *O Liberal*, de Belém, noticiou esse acontecimento histórico e triste para a cidade de Vigia, no Estado do Pará.

**Imagem II:** Cortejo do enterro da Tia Pê acompanhado por parentes, amigos e do prefeito da cidade, Florival Nogueira da Silva.



Fonte: Jornal *O Liberal* de Belém, 20 de junho de 1976, 2º Caderno p. 01.

A imagem na primeira página do 2º Caderno do jornal *O Liberal* foi um registro do momento do cortejo fúnebre em direção ao cemitério São Francisco, na cidade de Vigia. Percebe-se a participação do Executivo, com o prefeito Florival Nogueira (de óculos, segurando uma das alças do caixão) e do Legislativo, com o vereador José Lobato das Neves, além de Orlando Santos, o sobrinho da Tia Pê, que deu prosseguimento à festividade da N. S. da Imaculada Conceição que ela realizava.

O Guilhermino cantor e compositor Ferreira da Silva, do grupo de carimbó “O Beija-Flor”, no ano de 2007, fundou o grupo de Carimbó “O Uirapuru Vigiense” e fez uma música de carimbó homenageando a Tia Pê:

Homenagem a Tia Pê  
*A dança do carimbó*  
*É bonita pode crer*  
*Me lembro do Amparo*  
*Do carimbó da Tia Pê*  
*Ela já morreu...*  
*Ela está no reino da glória*  
*Era a Tia Pê e Tia Naclea*  
*E mestre Jaime na viola (Silva, 2009)*

Tia Anaclea e mestre Jaime, também citados na letra, eram duas pessoas influentes da cultura do carimbó nessa época. Assim como Tia Pê, ela era afrodescendente, realizava festividade de santo, vendedora de doce nas horas de folga, cantora, compositora e dançarina do carimbó na cidade de Vigia. Já Jaime tocava viola no grupo da Tia Pê e participava ativamente das festividades religiosas tocando instrumento no carimbó.

Depois de mais de dois anos de falecimento, Tia Pê foi homenageada pelo poder público municipal com o nome de uma escola de ensino fundamental ao 5º ano, no bairro do Amparo, no ano de 1978, na administração do prefeito José Ildone<sup>31</sup>.

A partir do ano de 2000, pôde-se assistir à formação de vários grupos parafolclóricos, compostos por adolescentes e jovens, cujas atuações apresentavam-se de maneira relativamente assídua. Entre estes grupos, destaca-se o grupo “Dança Tia Pê”. Vale lembrar que o grupo citado exercia apenas a atividade da dança sem conjunto musical. Apresentava-se ao som de execução mecânica, desenvolvendo coreografias ou interpretando algumas já tradicionalmente existentes “Dança da Onça”, “Negro no Tronco”, “O Tombador”, “Matinta Perera”, entre outras. O grupo “Dança Tia Pê” fazia shows em parceria com os grupos de carimbó “Os Tapaioaras” e “Beija-Flor”. Recebeu, no período de atuação (entre 2000 e 2002) grande apreciação pública, e participou de diversos eventos culturais, como festivais folclóricos, na cidade de Vigia, e demais municípios da região, a exemplo de Curuçá, Terra Alta, Santa Izabel; eventos acadêmicos na Universidade Estadual do Pará - UEPA, na capital do Estado; eventos sociais, como a “Ação Global” na cidade de Vigia ou como atração de promoções e excursões turísticas.

Além destas atividades, o grupo “Dança Tia Pê” desempenhava trabalhos de estudos e pesquisas históricas, em prol da valorização sobre manifestações culturais, visitando comunidades tradicionais e quilombolas (Guajará, Santo Antônio do Tauapará, Terra Amarela, Ovos, Cacau) e entrevistando pessoas envolvidas diretamente ou indiretamente com a cultura do carimbó.

Também na década de 2000, um Espaço Cultural<sup>32</sup> na cidade ganhou o nome da Tia Pê<sup>33</sup>. Já em abril de 2020, por iniciativa do secretário de cultura Rui Leal, no início do Espaço Cultural Tia Pê, do lado do rio Guajará-Mirim, foi construído um pequeno monumento em homenagem à Tia Pê: com três tambores (curimbós) em concreto com o nome da personalidade principal e, em ambos, uma placa narrando resumidamente a sua história.

---

<sup>31</sup> Até o falecimento da Tia Pê, em 10 de julho de 1976, em nenhum momento o poder público municipal da cidade de Vigia havia realizado alguma homenagem sobre seu papel na cultura do carimbó nessa cidade. Teve reconhecimento com publicações em duas Revistas publicadas pelos folcloristas Vicente Salles e Pedro Tupinambá, ganhou um prêmio da UFPA, mas nunca teve reconhecimento do poder municipal dessa cidade. Dois anos após seu falecimento, em 1978, o prefeito José Ildone Favacho Soeiro construiu uma escola municipal no bairro do Amparo e fez a homenagem em memória à Francisca do Espírito Santo (Tia Pê). Sobre a construção dessa escola, ver: Informe contendo 35 páginas da administração do prefeito José Ildone (1977 a 1983). Esse Informe encontra-se na biblioteca Prof.<sup>a</sup> Irene Favacho Soeiro, localizado na Av. Marcionilo Alves. .

<sup>32</sup> Espaço Público destinado a eventos culturais organizados pela prefeitura municipal da cidade de Vigia.

<sup>33</sup> Depoimento de Aldo Brito dos Santos, Op, cit. Em 2001, foi realizado um Projeto de Lei para que o Espaço Cultural recebesse o nome da Tia Pê; tal iniciativa partiu do grupo “Dança Tia Pê”, através de pesquisa, conheceram a importância da Tia Pê na cultura do carimbó na cidade de Vigia e resolveram construir um Projeto para que o Espaço Cultural tivesse o nome da Tia Pê. O Projeto foi subscrito à Câmara Municipal da cidade de Vigia e aprovado por unanimidade, a prefeita Marlene Vasconcelos acatou. Entrevista realizada em sua residência, no centro da cidade de Vigia, em outubro de 2020.

### Imagem III - Monumento em homenagem à Tia Pê



Fonte: Arquivo Paulo Cordeiro, outubro de 2020.

### Imagem IV - Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisca do Espírito Santo - Tia Pê



Fonte: Arquivo Paulo Cordeiro, outubro de 2020.

Agora em 2022, este pequeno e singelo artigo *“Tia pê (1915-1976) - mulher, identidade negra e cultura do carimbó amazônico paraense na cidade de Vigia”*, também cumpre a missão de manter viva a história cultural de Tia Pê – batizada Francisca do Espírito Santo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como evidenciado neste trabalho, a participação da Tia Pê foi fundamental para a valorização e preservação do carimbó na cidade de Vigia. Era a última das Tias. Herdou a cultura musical do carimbó de seus pais; passou a realizar as festividades religiosas do Divino Espírito Santo e, posteriormente, de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, onde passou a ficar bastante conhecida na cidade. Ao lado da residência da Tia Pê, ficava o mastro, por cerca de oito dias de festividades, com a presença do carimbó, onde as pessoas dançavam na casa ou no terreiro. Ela foi ganhando respeito pela sua simplicidade.

As festas eram bastante concorridas. Realizava duas no ano e, sem condições financeiras, muitas pessoas ajudavam. Tia Pê ganhou um dos prêmios mais importante de sua vida, o de “Pre-

servadora da Cultura”, em 1976, no 1º Festival de Carimbó da Vigia. Este foi concedido pela Universidade Federal do Pará, das mãos do vice-reitor Alcyr Meira.

Tia Pê morreu, mas ficou eternizada nas memórias dos vigienses contemporâneos, e estes repassam às novas gerações. Ela se foi, mas a mulher vigiense continua atuante no carimbó.

Enquanto Tia Pê e as demais mulheres negras praticavam e realizavam o carimbó, as mulheres brancas da elite eram proibidas. Três fatores impostos pela elite branca às mulheres de não participarem do carimbó em Vigia se deviam:

- Primeiro: às proibições às jovens e senhoras que faziam parte das Congregações religiosas em frequentar e assistir aos folguedos;
- Segundo: à proibição das festividades religiosas, de acordo com o discurso conservador pela Igreja Católica, por ter muita briga e bebedeira;
- Terceiro: às repressões policiais, em cumprimento dos Códigos de Posturas Municipais das décadas iniciadas em 1940 e em 1960.

As Tias também foram morrendo e suas filhas ou parentes não deram prosseguimento à cultura do carimbó. Mas a cultura é dinâmica e se modifica de geração em geração. Surge, em 2005, no grupo de carimbó “Raízes do Cacau”, Telma Lucia Carneiro de Lima, vigiense de 15 anos, bate o carimbó (tambor) de marcação. É a continuidade da mulher vigiense nessa cultura. Atualmente (ano de 2022), temos quatro grupos de carimbó na cidade de Vigia, sendo que em dois deles vemos a participação das mulheres, compositoras e cantoras nessa atividade – que passou a ser patrimônio imaterial brasileiro e que teve a Tia Pê como mulher negra, mestra e continuadora do carimbó amazônico, a partir da cidade histórica de Vigia. Por ser uma mulher que contribuiu com a preservação, valorização e divulgação da cultura do carimbó, no universo da grande maioria de homens, foi reconhecida como preservadora cultural do carimbó e, entre outras homenagens, o nome de uma escola municipal, um memorial e o espaço cultural.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Assunção José Pureza. “*Chama Verequete*”: *Etnografia da trajetória e das vicissitudes de um compositor negro paraense*. 1994. 50 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1994.

ANDRÉ, Sônia. Outros saberes, outros espaços e outros olhares de mulheres Moçambicanas da comunidade Yaawo. *Revista DA ABPA*. V13, n. 36. Mar-Mai, 2021, p 126-140.

- AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica. *Oralidades*, n.2, p.45-60, jul/dez 2007.
- BARROS, Álvaro. *Depoimento sobre a importância cultural de Tia Pé dado a Paulo Cordeiro*. Vigia, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.
- CALANDRINO, João. *Depoimento sobre a importância cultural de sua mãe – a Tia Pé – dado a Paulo Cordeiro*. Vigia, 2009.
- CARDOSO, Benedito Nazaré. *Depoimento sobre a importância cultural de Tia Pé dado a Paulo Cordeiro*. Vigia, 2009 de 57 anos (conhecido por “Pueral”).
- CORDEIRO, Paulo. *Mamaiacu: De Aldeamento Jesuítico a Vila de Porto Salvo*. Cidade da Vigia/PA, 2014, Ed. do Autor.
- \_\_\_\_\_. *Carimbó da Vigia*. Cidade de Vigia/PA. Ed. do Autor, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Carimbó “pau e corda”*. Antropização e Cultura Negra na Região do Salgado Paraense. Dissertação de mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia. UFPA (cidade de Castanhal), 2020.
- CORDEIRO, Raimundo Paulo Monteiro; AMARAL, Assunção José Pureza. Herdeiras das tradições africanas: trabalho, cultura, lazer ontem e hoje na cidade de Vigia-Pa. In: Revista em favor. *Revista Em favor das cotas*. AC: UFAC, 2021.
- CORDEIRO, Raimundo Paulo Monteiro; AMARAL, Assunção José Pureza. Entre homens e mulheres, escravizados e libertos, campo e cidade – eis as tias “negras” do carimbó na fronteira do saber na cidade da Vigia/PA. In: *Revista Cadernos do CEOM/Unochapecó*, Ano 25, n.37 – Fronteiras – Santa Catarina, 2013.
- DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira (Orgs.). *Os saberes tradicionais e a Biodiversidade no Brasil*. São Paulo: NUPAUB-USP: MMA, 1999. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/saberes%20trad.pdf>> Acesso em: 12 de nov. de 2018.
- DURST, Rogério. *Madame Satã: com o Diabo no corpo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofia da libertação na América Latina*. São Paulo: LAYOLA, 1977.
- ESCOBAR, Arturo. “O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?” In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires. CLASCO, 2005. p. 69-86. Disponível em: <[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624102140/8\\_Escobar.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624102140/8_Escobar.pdf)> Acesso em: 12 de nov de 2018.
- FILHO, Assis. *Carta de Assis Filho enviada a José Ildone, relatando os contatos e as confirmações dos eventos para a festa do dia 06 de novembro de 1971*. S. l.: 21 out. 1971. Arquivo pessoal de J. Ildone.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Ed. Vértices, São Paulo. 1990.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte/Brasília, Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- IBGE. População estimada de 2019.

KOFES, S. *Mulher, mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas domésticas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001. 46 (BINZER apud KOFES, 2001, p.134).

LEAL, L. A. P. *As composições do Uirapuru: experiências do cotidiano expressas em letras do conjunto de carimbó de Verequete*. Monografia (Curso Especialização (Teoria Antropológica) – Universidade Federal do Pará, Belém. 1999.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LIMA, Raimundo Siqueira de. *Depoimento sobre a importância cultural de Tia Pé dado a Paulo Cordeiro*. Vigia, 2009.

NEVES, Maria Margarida Barros. *Depoimento sobre a importância cultural de Tia Pé dado a Paulo Cordeiro*. Vigia, 2009. 63 anos.

O LIBERAL. *Vai ser difícil encontrar outra Tia Pé*. Belém. 20 de junho, p.1, 1976.

PALHETA, Aécio. *Vigia Ainda Ontem*. Imprensa Oficial do Estado do Pará. Belém, 1995.

PALHETA, Bivar Evaristo. *Depoimento sobre a importância cultural de Tia Pé dado a Paulo Cordeiro*. Vigia, 2009. 77 anos.

RAMOS, João Batista Santiago. *Por Uma Utopia do Humano: Olhares a partir da ética da libertação de Enrique Dussel*. Porto: Ed. Afrontamento, 2012.

SALLES, V.; SALLES, M. I. Carimbó: trabalho e lazer do caboclo. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 25, p. 257-282, 1969.

SILVA, Guilhermino Ferreira da. *Depoimento sobre a importância cultural de sua mãe – a Tia Pé – dado a Paulo Cordeiro*. Vigia, 2009 [67 anos à época].

SOUSA, Maria Teodora de. *Depoimento sobre a importância cultural de sua mãe – a Tia Pé – dado a Paulo Cordeiro*. Vigia, 2013.

TUPINAMBÁ, Pedro. *Carimbó*. *Revista Espaço*. Belém, ano 1, n. 2, p. 21, nov. 1977.